

*Diálogos para o Fim do Mundo,*  
de Joana Bértholo  
Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho 2009,  
da Câmara Municipal de Loures

Março 2009

Manuel Frias Martins

Manuel Frias Martins é professor da Faculdade de Letras de Lisboa, doutorado em Teoria da Literatura e tem trabalhos publicados, na sua área de especialização, em livros e revistas nacionais e estrangeiros. É autor de ensaios como *Sombras e Transparências da Literatura*, 1983, *Herberto Helder – um Silêncio de Bronze*, 1983, *10 anos de poesia em Portugal: 1974-1984 – Leitura de uma década*, 1986, *Matéria Negra. Uma Teoria da Literatura e da Crítica Literária*, 1993, com o qual recebeu o Prémio PEN Clube de Ensaio, *As Trevas Inocentes*, 2001. Traduziu e prefaciou as seguintes obras: *L'Allegro* e *Il Penseroso*, de John Milton, *O Cânone Ocidental*, de Harold Bloom.

---

*Diálogos para o Fim do Mundo* veio a revelar-se ser da autoria de Joana Bértholo, foi e continua a ser uma agradável surpresa literária. Sabemos agora que ele tem por autor uma jovem escritora. Tal facto só valoriza ainda mais quer o prémio quer o romance premiado. Mas perante o elevado número de obras concorrentes, várias delas também com méritos assinaláveis, é ainda com mais agrado que se regista a juventude da vencedora.

Este é um romance que atrai desde logo a nossa curiosidade em virtude da opção da autora por um formato narrativo que é dos mais difíceis dentro da tradição modernista. Refiro-me à organização da narrativa pelo cruzamento de diferentes histórias de vidas pessoais e familiares, bem como aos saltos no tempo por que a narrativa vai alargando o próprio espaço de representação e, ao mesmo tempo, estimulando a imaginação do leitor. Começando (...) no Uzebequistão e numa família (a família Kozak) cujas dificuldades obrigam o pai a emigrar para o Brasil, a narração vai nuclearizando essa saga de modo a torná-la numa espécie de guia para os mais diversos cruzamentos com a história da Europa, designadamente as suas guerras, e com episódios tão conhecidos e emblemáticos como o naufrágio do Titanic. Estas camadas de atenção aliam-se a

outras de reflexão directa ou indirecta acerca do carácter predador do ser humano e à cegueira que o conduz a acções destruidoras do equilíbrio com a natureza.

A formatação do romance é de índole marcadamente experimentalista, isto é, a autora vai experimentando várias patamares de construção nos quais cabem ou se misturam, por exemplo, repetições deliberadas de determinadas passagens ou afirmações, bem como ironias acerca da própria narrativa –como os comentários no início dos capítulos ou a inscrição de um índice antes do romance acabar. Sugere-se assim uma espécie de afirmação da memória do próprio conteúdo narrado, revelando-se, por outro lado, aliás, um controlo muito forte da narrativa por parte da autora.

Esta deliberada complexidade na composição do romance só pode ter um de dois resultados: ou o autor é trucidado por um modo literário que está muito para além das suas capacidades ou, então, consegue sobreviver e ser apreciado exactamente graças à manifestação de um talento muito especial de saber organizar literariamente a própria riqueza da complexidade. Joana Bertholo está no segundo caso. De facto, a sua juventude alia-se a uma invulgar maturidade estética e intelectual, a um conforto notável na relação com a língua portuguesa e com os efeitos literários que ela possibilita, e ainda a um à vontade criativo que resulta do contacto da sua qualidade enquanto pessoa culta com o risco de querer marcar a diferença enquanto escritora. Da jovem Joana Bertholo esperamos muitos mais resultados de grande nível artístico. Que o prémio de Loures seja, por isso, o primeiro passo de uma brilhante carreira são os meus desejos pessoais e de todos os membros do júri. E que estejamos todos vivos para ver esse sucesso.